A vampira e a fênix

João David Alves dos Santos

A vampira e a fênix

Para Jéssica Gomes,
Por ter sido a inspiração deste romance.

PRÓLOGO

TRANSFORMAR-SE EM UMA VAMPIRA DE UMA HORA PARA OUTRA, NÃO É um fato normal com que os humanos se acostumem.

Eu era uma humana, até o trágico acidente com meus pais.

Depois fui transformada. As coisas mudaram. Voo como um simples passarinho e ouço os pensamentos dos humanos. Para alguns "recém-nascidos" é difícil conviver com os humanos, o desejo de sangue é incontrolável.

Mas isso não é tudo, um simples encontro mudaria minha vida. Conheci outro imortal, meu pior inimigo, e também meu grande amor, uma fênix.

Um romance marcado de perigo, de amor e de guerra.

A guerra entre os vampiros e as fênix.

Acredito que o amor proibido é forte e indestrutível.

1. CONVIVÊNCIA

HAVIA DOIS MESES QUE EU TINHA CHEGADO À CASA DOS MEUS tios, em Heaven City, e as coisas não andavam nada bem. Primeiramente, por que sou uma vampira, e isso complica tudo. As pessoas, exceto Isabella e Irving, me

olham com medo, como se eu fosse atacá-los. Os meus olhos vermelhos os incomodam, portanto, ando só de óculos, porém nunca falarão que são belos e sedutores.

O pior de tudo é que ouço os pensamentos de todos a minha volta, e isso é insuportável. A única coisa de vantagioso que tenho de ser vampira, é que posso voar, quando estou só, é claro. Quando não quero ouvir os outros, eu voo pela floresta a fora e esqueço os problemas. Mas não por muito tempo.

Acordo de manhã, e mais uma vez que tenho que encarar a tia Louise, que tem medo de mim também. Com o meu tio Merlin é totalmente o oposto. Ele me ajudou a controlar o meu desejo por sangue humano, e me mostrou que ser vampiro não é tão ruim. Ele me falava tão intensamente, como se já tivesse passado pela mesma experiência.

Sentei-me distraidamente.

Percebi tia Louise por as mãos sobre as do tio Merlin.

"Tenho medo, será que ela vai me atacar?", pensou ela.

Levantei da mesa irritada.

—Eu não sei se vou suportar isso por muito tempo. Qual é o problema? Eu não vou atacar à senhora.

Ia sair da cozinha, quando tio Merlin interrompeu-me.

—Luce, você não comeu nada.

—Obrigada, tio. Eu vou para o colégio.

Ouvi-o sussurrar com a tia Louise, enquanto subia para meu quarto.

Eu não consigo acreditar na possibilidade de que ser vampira pode ser um caso fácil de conviver. Eu só queria uma coisa, que todos me vissem como uma vampira normal, eu não quero atacar ninguém, eu quero usar meus poderes para o bem. Será que é pedir demais?

Fui para o colégio e me encontrei com Isabella, minha colega de classe.

No começo, quando ela soube que eu era uma vampira, teve medo de mim, mas aos poucos me recebeu como uma pessoa normal. Até pensa em umas ideias de transformar-se em uma vampira, também. Isso é uma grande loucura.

—Como está nossa vampira?

—Péssima, briguei novamente com minha tia.

—Isso deve ser muito difícil.

—E você ainda pensa em ser vampira.

Avistamos Irving se aproximar.

"Adoro vê-la de preto", disse ele.

Agradeci, cumprimentando-o.

Isabella e Irving são os meus melhores amigos, eles já se conformaram em ter uma amiga vampira. Pelo menos eles me entendiam.

Antes de entrarmos na sala, sempre coloco os *phones* nos ouvidos, para não ouvir a turma toda. Para escondê-los, coloco o capuz do casaco preto. As músicas da *Miley Cyrus* fazem com que eu não ouça a turma falando sobre amor, sexo, festa, trabalho... Mas isso não dura a aula toda, quando o Sr. Parker entra na sala.

—Srta. Steward... Não quero vê-la de capuz nem com os *phones* nos ouvidos.

E assim, passo a aula toda, ouvindo comentários sobre mim; as reclamações de alguns sobre o Sr. Parker; a espera do intervalo; como sair hoje para a balada; tudo sobre o mundo dos jovens...

Até então chega o intervalo. Isabella, Irving e eu sentamos numa mesa a sós no refeitório.

—Como é saber que vai continuar sendo jovem com dezoito anos para sempre? Perguntou-me Irving.

—Deve ser maravilhoso, não é Luce? Intrometeu-se Isabella.

—Isso soa bem pra mim. Já faz dois anos que Sinclair transformou-me em vampira, e ainda permaneço com a jovialidade de dezoito anos.

—É por isso que quero ser vampira.

"Eu odeio essa conversa. Ela não irá me querer quando eu for mais velho", pensou Irving.

Fitei-o por um instante e olhei para Isabella.

—Luce, eu quero te fazer um pedido, disse ela olhando-me de forma dúbia.

—Qual?

—Quero que você me ajude a conhecer o Mack.

Irving suspirou. Descobri que ele realmente gosta da Isabella.

—Com licença.

Ele saiu.

Sorri para Isabella.

—O que foi?

—Tem alguém que gosta de você.

—Quem? Ela franziu a testa. Não, não pode ser. O Irving?

—Ele deve ter esquecido que ouço pensamentos.

—Luce, isso é impossível.

Sai do colégio quando me despedi de Isabella e Irving. Entrei em algumas vielas abandonadas e voei até a rua principal da "minha casa". Parei e caminhei normalmente. Encontrei o tio sentado em sua poltrona, assistindo um jogo de basquete.

—Oi, tio Merlin.

"Malditos adversários" eu ouvi.

Subi para o meu quarto. Deixei a mochila sobre a cama e avistei meu laptop sobre a escrivaninha marfim. Peguei o romance: *Lua Nova,* e folheei algumas páginas. Ouvi tio Merlin bater na porta.

—Luce, eu posso falar com você?

Quando abri a porta, ouvi-o pensar: *"Espero que ela não se irrite".*

—Entre tio, aconteceu alguma coisa?

—Não.

Vi ele manuseando o livro.

—Sou fã da *Stephenie Meyer*.

—Eu também.

—É sobre a Louise. Sei que é muito difícil pra você, mas isso vai passar. A verdade é que ela não suporta conviver com dois vampiros.

—*Dois?*

—Sim, chegou à hora de você saber que eu sou um vampiro também.

Ser vampiro naquele momento, não era ruim. Foi inexplicável saber que eu tenho um tio vampiro, uma pessoa na família igual a mim. Não contive as lágrimas. Elas vieram tão resolutas.

—Ela não gosta de vampiros, e não queria que isso sucedesse na família. Por isso não consegui lhe salvar naquele maldito acidente, eu não queria que você passasse por isso, mas o Sinclair fez isso por mim.

—Então o senhor me salvou também, é isso que importa. Agora que tenho um tio vampiro não será nada difícil.

Eu o abracei alegremente.

—E quais são os seus poderes? Perguntei ansiosa.

Ele riu.

—Nossos poderes não nos dão nenhuma fortaleza. Cuidado, eles tornam-se insuportáveis. E não nos dão nenhuma vantagem sobre os humanos.

—Eu sei que ouvir pensamentos dos outros é chato e falta de educação, mas há seu lado bom, eu posso saber do que as pessoas gostam. Isso é um meio de deixá-las felizes. Quanto a voar, a maioria dos humanos adoraria saber voar...

—Por outro lado, é bom impedir que certa pessoa ouça meus pensamentos, disse ele sorrindo.

—Tio, você sabe fazer isso?

Ele aquiesceu com a cabeça.

—Acho que estou ouvindo alguma coisa.